UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

WALLISSON RODRIGO FERNANDES DE SENA

SENTIR O ESPAÇO, VIVER O LUGAR: UMA PROPOSTA DE GEOGRAFIA DAS EMOÇÕES PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA.

RECIFE
2023

WALLISSON RODRIGO FERNANDES DE SENA

SENTIR O ESPAÇO, VIVER O LUGAR: UMA PROPOSTA DE GEOGRAFIA DAS EMOÇÕES PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Orientador (a): Pedro Paulo Pinto Maia Filho.

RECIFE
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Sena, Wallisson Rodrigo Fernandes de.
Sentir o espaço, viver o lugar: uma proposta de Geografia das Emoções para o ensino de Geografia. / Wallisson Rodrigo Fernandes de Sena. - Recife, 2023.
45

Orientador(a): Pedro Paulo Pinto Maia Filho
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Geografia - Licenciatura, 2023.

1. Geografia das Emoções. 2. Ensino de Geografia. 3. Lugar. I. Maia Filho, Pedro Paulo Pinto. (Orientação). II. Título.

370 CDD (22.ed.)

WALLISSON RODRIGO FERNANDES DE SENA

SENTIR O ESPAÇO, VIVER O LUGAR: UMA PROPOSTA DE GEOGRAFIA DAS EMOÇÕES PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Aprovado em: 03/10/2023

BANCA EXAMINADORA

gov.br Documento assinado digitalmente
PEDRO PAULO PINTO MAIA FILHO
Data: 24/10/2023 10:00:41-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Pedro Paulo Pinto Maia Filho (Orientador)

Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Mariana Fidelis Jerônimo de Oliveira (Examinadora Interna)

Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Ma. Doris Jamylla Siqueira Lopes Campos (Examinadora Interna)

Universidade Federal de Pernambuco

Dedico este trabalho aos meus pais, irmãs, avó e demais familiares, amigos, minha querida namorada e, de forma especial, aos meus avós Marlene Maria Gomes da Silva e Mauro José Rodrigues Fernandes, que estarão eternamente em minha memória. Com gratidão, reconheço que nada do que sou e alcancei seria possível sem vocês.

RESUMO

Este estudo aborda a fascinante interação entre as emoções humanas e o espaço geográfico, explorando como as emoções moldam nossa percepção e experiência do ambiente. Inicialmente, mapeamos a evolução histórica e os desenvolvimentos recentes da geografia das emoções, revelando uma disciplina ainda pouco explorada. Em seguida, concentramos nossa atenção na aplicação prática desses conceitos no contexto do ensino de geografia, apresentando uma proposta de oficina pedagógica projetada para engajar os alunos emocionalmente com o espaço. Destacamos o caráter inovador deste trabalho, dada a limitada literatura existente, embora reconheçamos as dificuldades provenientes da não execução da oficina devido a restrições de tempo e sincronização com os calendários escolares. No cerne desta pesquisa, reside a convicção de que a geografia das emoções oferece uma perspectiva valiosa e transformadora para a educação geográfica, permitindo que os estudantes vivenciem o espaço e o lugar de maneira mais profunda e significativa. Instamos a comunidade acadêmica a continuar explorando essa interseção entre emoções e geografia, reconhecendo seu potencial para enriquecer nossa compreensão do mundo que compartilhamos.

Palavras-chave: Geografia das Emoções; Ensino de Geografia; Lugar.

ABSTRACT

This study addresses the fascinating interaction between human emotions and geographic space, exploring how emotions shape our perception and experience of the environment. Initially, we map the historical evolution and recent developments in the geography of emotions, revealing a relatively unexplored discipline. We then focus our attention on the practical application of these concepts in the context of geography education, presenting a pedagogical workshop proposal designed to emotionally engage students with space. We emphasize the innovative nature of this work, given the limited existing literature, although we acknowledge the challenges encountered in the non-execution workshop due to time constraints and synchronization with school calendars. At the core of this research lies the conviction that geography of emotions offers a valuable and transformative perspective for geographic education, enabling students to experience space and place more deeply and meaningfully. We urge the academic community to continue exploring this intersection between emotions and geography, recognizing its potential to enrich our understanding of the world we share.

Keywords: Geography of Emotions; Geography Education; Place.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO..... 9

2. A GEOGRAFIA DAS EMOÇÕES: DO SILÊNCIO À EXPRESSÃO DE UM NOVO OLHAR SOBRE O ESPAÇO..... 12

2.1 As emoções na geografia: uma história de rupturas e inovações..... 12

2.2 O que os geógrafos sentem? Um panorama da Geografia das Emoções na literatura geográfica..... 20

3. GEOGRAFIA DAS EMOÇÕES NA FORMAÇÃO DOS ALUNOS: EXPLORANDO EMOÇÕES E LUGARES EM SALA DE AULA..... 26

3.1 A importância da Geografia das Emoções para a formação geográfica dos alunos..... 26

3.2 Emoções e lugares em sala de aula: uma proposta de oficina pedagógica para o ensino de geografia..... 34

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 41

REFERÊNCIAS..... 43

APÊNDICE - Proposta de Oficina explorando a Geografia das Emoções..... 45

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema a aplicação da Geografia das Emoções no Ensino de Geografia. O problema da pesquisa se centra em como aplicar uma nova forma de entender as relações dos sujeitos com o espaço geográfico usando o arcabouço da Geografia das Emoções. Para isso elaboramos uma proposta de oficina, voltada ao ensino médio, sobre as intrínsecas relações que as emoções têm com os lugares. A hipótese parte do pressuposto de que a oficina sobre a Geografia das Emoções pode contribuir para a formação de uma consciência geográfica crítica e sensível dos alunos.

A escolha de uma abordagem exploratória se justifica devido à inovação e à limitada pesquisa relacionada ao tema, o que requer uma análise aprofundada das significações, percepções e experiências envolvidas. Nesse sentido, nossa intenção é considerar a aplicação da oficina como uma forma de abordar essa temática no Ensino Médio, embora, até o momento, não tenha sido implementada. Portanto, a possibilidade de aplicação da oficina permanece em nosso horizonte de consideração.

A revisão bibliográfica consiste na busca, na seleção, na análise e na síntese de artigos científicos, livros, teses e documentos oficiais relacionados ao tema da Geografia das Emoções, dos conceitos de emoção, lugar e espaço, e da oficina pedagógica. Os principais autores e conceitos que fundamentam o estudo são: Tuan (discutido a partir da visão de Holzer, 2016, Moreira e Hespanhol, 2007, e Silva, 2018), que propõe uma geografia humanista e fenomenológica; Anderson (2001), que defende uma geografia das emoções crítica e política; e Silva (2020), que apresenta uma metodologia para elaborar e aplicar oficinas pedagógicas.

A oficina foi planejada com base nos princípios da Geografia das Emoções crítica e participativa, visando sensibilizar, informar e mobilizar os alunos para a questão da relação emocional que eles estabelecem com os lugares, isto é, através de uma perspectiva espacial.

A atividade proposta, focada na exploração de fotobiografias e geografia das emoções, mantém uma relação intrínseca com a habilidade presente na Base Nacional Comum Curricular das Ciências Humanas E Sociais Aplicadas Ensino Médio (EM13CHS205), que se concentra na análise das diferentes territorialidades em suas dimensões culturais, econômicas, ambientais, políticas e sociais. Ao

mergulhar nas histórias emocionais dos participantes, a atividade não apenas permite compreender as experiências individuais, mas também promove uma análise mais abrangente das influências culturais, sociais e econômicas que moldam os vínculos emocionais com os lugares. A exploração das conexões entre emoções e espaços oferece uma perspectiva enriquecida sobre como as territorialidades são formadas e vivenciadas, contribuindo para uma visão mais profunda do Brasil e do mundo contemporâneo, com destaque para as culturas juvenis.

Simultaneamente, a proposta da oficina está intimamente ligada à habilidade (EM13CHS106), que envolve a utilização crítica e significativa de linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica, bem como diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais. Ao longo da atividade proposta, os participantes podem utilizar essas linguagens de forma reflexiva e ética para comunicar suas próprias histórias emocionais e as intrincadas relações com os lugares. A atividade fomenta habilidades de acesso e disseminação de informações, expressão autoral e protagonismo, tanto em âmbito pessoal quanto coletivo. Ao combinarem elementos visuais e textuais, os alunos exploram diversas formas de expressão, ao mesmo tempo em que refletem sobre suas vivências pessoais e interagem com o mundo digital de maneira ética e ponderada.

Dentro do contexto vivido, surgem "lugares especiais", carregados de significado afetivo e simbólico, que se destacam entre os demais. Esses lugares podem abranger desde o local de nascimento até cenários de primeiros amores ou experiências culturais únicas. Eles transcendem o aspecto físico, transformando-se em espaços carregados de memória, emoção e fantasia. A atividade de fotobiografia e Geografia das Emoções oferece aos participantes, portanto, a chance de explorar não somente suas narrativas emocionais, mas também de identificar e mapear esses locais singulares. Além de influenciar a formação das territorialidades, esses "lugares especiais" desempenham um papel essencial na construção da identidade pessoal e coletiva.

As contribuições esperadas visam ampliar o debate sobre a Geografia das Emoções no ensino de Geografia, propor uma alternativa pedagógica para trabalhar com as emoções e os lugares, estimular a reflexão crítica e a ação cidadã dos alunos e promover uma consciência de sua espacialidade.

Sendo assim, no primeiro capítulo exploramos a convergência entre emoções e geografia, traçando a trajetória da evolução das percepções geográficas frente às

experiências emocionais. Começando com a abordagem de como a disciplina inicialmente relegou as emoções ao silêncio e, ao longo do tempo, passou por transformações marcantes, abraçando as dimensões emocionais como uma parte integral da análise do espaço. Seguimos com um panorama da abordagem contemporânea das emoções na geografia. Destacamos como geógrafos têm incorporado e explorado as emoções em suas análises, iluminando como essas influenciam a percepção e representação do espaço.

No segundo capítulo, o foco é o planejamento de uma prática didática da Geografia das Emoções na formação dos alunos. Destacamos o valor da inclusão das emoções no enriquecimento da compreensão dos estudantes sobre o ambiente que os cerca. Aprofundamos como a análise das conexões emocionais com os lugares amplia a abordagem da geografia, permitindo uma exploração mais profunda e holística do espaço que vai além das dimensões puramente físicas. Apresentamos uma proposta concreta para trazer a Geografia das Emoções ao ensino. Descrevemos detalhadamente uma oficina pedagógica que envolve a criação de fotobiografias e a exploração das relações emocionais com os lugares. Esta oficina busca desenvolver habilidades de auto reflexão, expressão criativa e análise crítica, enquanto aprimora a compreensão dos alunos sobre como as emoções moldam suas percepções do espaço. Essa seção oferece um vislumbre prático de como a geografia das emoções pode ser integrada de maneira envolvente no ambiente educacional.

2. A GEOGRAFIA DAS EMOÇÕES: DO SILÊNCIO À EXPRESSÃO DE UM NOVO OLHAR SOBRE O ESPAÇO.

Refletir acerca das emoções dentro do âmbito geográfico é um desafio, pois trata-se de uma ruptura com bases e paradigmas que, ao longo do desenvolvimento da Geografia, estiveram presentes no âmago dos estudos e análises geográficas. Para tentar dar conta deste desafio, pretende-se realizar uma revisão bibliográfica do desenvolvimento da Geografia das Emoções.

Inicialmente, abordaremos a origem da Geografia das Emoções no contexto das análises geográficas, com o objetivo de compreender sua evolução histórica e como se integrou aos debates espaciais ao longo do tempo.

No segundo momento, adentramos na Geografia das Emoções na literatura geográfica, revelando como as emoções têm sido uma força motriz nas análises dos geógrafos. Da emergência desse campo ao panorama atual, examinamos como as emoções influenciaram e moldaram a abordagem geográfica, oferecendo uma perspectiva concisa e instigante.

2.1 As emoções na geografia: uma história de rupturas e inovações.

Apesar de as emoções constituírem parte essencial da vida cotidiana, tradicionalmente, as raízes positivistas fizeram com que a Geografia permanecesse vinculada a uma vertente analítica que a restringia às investigações a partir de eventos visíveis, verificáveis, factíveis; centralizando a observação como sua principal ferramenta de pesquisa e a indução como seu desfecho. (MORAES, 1981, p. 7).

De acordo com Bondi (2012), a ciência geográfica frequentemente se ocupou com um terreno emocionalmente estéril, um mundo desprovido de paixão, espaços ordenados unicamente por princípios racionais e demarcados de acordo com a política, economia, ou de maneira técnica. Assim como diversas outras ciências semelhantes, a Geografia sempre teve problemas em expressar sentimentos, o que a guiou para um ponto onde negar, evitar, suprimir, ou menosprezar os entrelaços emocionais ao longo de sua análise se tornou um dos principais parâmetros metodológicos.

Dentro do contexto das transformações que marcaram a jornada da Geografia, emerge a progressão na abordagem da paisagem. De acordo com as palavras de Holzer (2016, p. 65), Tuan salienta o deslocamento da narrativa vivaz da paisagem, uma característica proeminente nas obras dos naturalistas do século XIX, para a ascensão do texto impessoal que encontramos nos escritos dos cientistas contemporâneos.

Paralelamente, as observações de Dardel (2015, p. 82) evidenciam que no século XVIII, uma era primordial na incubação da geografia científica, coexistia uma geografia impregnada de sentimentos e emoções, imbuída na imaginação e inclinada a se manifestar na forma literária. Nessa perspectiva, a geografia evolui para se tornar uma vivência de caráter afetivo e uma celebração estética.

Em um cenário permeado por inquietações sociais e desencanto moral, o ser humano redireciona seu olhar para a natureza e o exótico, na busca por elucidações e um antídoto para suas lacunas. No entanto, essa natureza, independentemente da proximidade física, se desvela por meio de uma lente emocional, em que a solidão se transmuta em deleite, a melancolia e o mistério enraízam-se como sensações, e uma profunda religiosidade permeia a percepção. Nesse contexto, a geografia se metamorfoseia em um "bálsamo para a alma," configurando-se como uma manifestação de humanismo intrínseco (Dardel, 2015, p. 82).

Com o advento da Geografia Cultural encabeçadas, dentre diversos nomes, por Carl Sauer (da Escola de Berkeley, 1920) e da Geografia Humanista por Yi-Fu Tuan (da Universidade de Wisconsin-Madison), a abordagem situando o sujeito como objeto de análise central trouxe uma nova forma de enxergar o estudo geográfico. O que antes se ocupava apenas com as dimensões espaciais e físicas passou a acolher também a subjetividade do existir como um elemento crucial para a compreensão das dinâmicas da vida humana, modificando então, as categorias espaciais que compõem a Geografia.

Seguindo essa ideia, chamo atenção para o pensamento trazido por Rosendahl [1] (*apud* Corrêa, 2017, p. 45) que diz que “A crítica à visão reducionista do homem, principalmente após 1970, favoreceu aos geógrafos humanistas a interpretação do sentimento e a compreensão das relações entre os homens e seu

[1] ROSENDAHL, Z. As Razões da Relativa Negligência/ Zeny Rosendahl. In: ROSENDAHL, Z (org). Espaço e Religião: Uma Abordagem Geográfica/ Zeny Rosendahl. 2° ed – Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 2002.

mundo. Essa perspectiva humanista defende a dimensão subjetiva e a experiência vivida pelo indivíduo e os grupos sociais.” .

Essa visão está fortemente alinhada com a reflexão, à luz da Fenomenologia, dos conceitos relacionados às categorias de estudo da Geografia, especialmente com a inclusão dos conceitos de mundo vivido/experienciado e de ser-no mundo (*lebenswelt* e *dasein*, conceitos estabelecidos pelos filósofos Edmund Husserl e Martin Heidegger [2], respectivamente). Tal influência humanista centralizou o lugar como categoria primordial para estabelecer os estudos a partir das subjetividades e suas confluências com o **espaço vivido**.

No final da década de 1960, surgiu a ideia de espaço vivido (*espace vécu*) na Escola Francesa, influenciada pela Escola Norte-Americana. O espaço vivido se refere ao espaço da vida cotidiana que todos nós construímos, independentemente de sermos geógrafos ou não. É um espaço que abriga toda a densidade da existência humana, incorporando desejos, anseios, emoções, expectativas e aspirações em relação à vida (SILVA, 2018, p. 70).

Dessa forma, está intimamente ligado à experiência humana, podendo então, ser entendido como **lugar**, conceito que também assumiu uma nova roupagem com os avanços nos debates da geografia humanista, indo de uma mera demarcação física ligada a uma posição, e assumindo um novo horizonte. Assim, para Tuan[3] (*apud* MOREIRA e HESPANHOL, 2007, p. 51) “[...] o lugar é marcado por três palavras-chave: percepção, experiência e valores. Os lugares guardam e são núcleos de valor, por isso eles podem ser totalmente apreendidos através de uma experiência total englobando relações íntimas, próprias (*insider*) e relações externas (*outsider*).”.

---

[2] Edmund Husserl, o fundador da fenomenologia, concentra sua visão filosófica na análise da consciência subjetiva e na busca pela essência das experiências individuais dentro do contexto do "Lebenswelt" (mundo da vida). Ele postula que a fenomenologia é o estudo das estruturas intencionais da consciência, permitindo a descrição precisa da experiência consciente ao suspender julgamentos sobre o mundo externo. Essa abordagem, através do conceito de Lebenswelt, destaca a importância de compreender a vida tal como a vivemos, reconhecendo que nossas experiências estão profundamente enraizadas em nosso contexto social, cultural e histórico, o que influencia significativamente nossa percepção do mundo e a forma como construímos nosso conhecimento.Martin Heidegger, por outro lado, desenvolve a fenomenologia existencial, com ênfase nas questões ontológicas e existenciais da existência humana. Ele introduz o conceito de "Dasein", referindo-se à nossa existência no mundo, destacando a relação única do ser humano com o mundo, o tempo e a busca pelo significado da existência. Para Heidegger, a fenomenologia é uma exploração das preocupações fundamentais da vida e da autenticidade na existência cotidiana (LEÃO, 2006).

[3] TUAN, Yi Fu. Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência. Trad. Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

Para Frémont [4] (1974), O espaço vivido era um conceito que desafiava as abordagens tradicionais dos geógrafos, pois mostrava que o espaço, a região e os lugares não eram realidades objetivas, mas sim construções subjetivas, influenciadas pelas emoções e sentimentos das pessoas. O teórico entendia o espaço vivido como uma experiência dinâmica, um espaço de movimento. Ele não se limitava ao espaço geométrico ou cartográfico, mas abrangia o afetivo, o mágico, o imaginário. Dessa forma, a região estava ligada ao espaço vivido, pois era uma realidade vivida, ou seja, percebida, sentida, valorizada pelas pessoas (apud. SILVA, 2018, p. 73).

Ainda dentro da discussão sobre o espaço vivido, é interessante salientar a visão de Chevalier [5] (1974, apud. SILVA, 2018, p. 73). Para ele, o espaço vivido é um espaço de valores, o espaço não é imparcial, mas sim um fruto de ideologias (culturais, sociais, econômicas), e por isso, um cenário de embate de valores.

Deste modo, estudar o espaço vivido não é só indagar "Como as pessoas vivem neste espaço?", mas também examinar as relações de representação, que são ocultas porque não são pesquisadas. Para não se limitar ao espaço como suporte, mas sim na noção de representação (imagem) do espaço, é preciso formular outra pergunta: "Como as pessoas observam esse espaço?". Assim, a Geografia continua a estudar os fenômenos que se dão no espaço ou estuda o próprio espaço, através dos olhos das pessoas que o vivem.

Buttimer [6] (1976, apud. SILVA, 2018, p. 73), dentro desse contexto, parte do conceito de espaço vivido aproximando o mesmo da ideia de mundo vivido defendida por Husserl e Heidegger em comunhão com a ideia de gênero de vida. Para a teórica, o espaço vivido é um conceito que abrange cada pessoa em diferentes escalas de sua experiência espacial, desde o quarto onde dorme até a casa onde mora, passando pelo bairro onde vive, pela cidade onde trabalha, pela região onde se identifica e pela nação onde se situa.

Dentro desse espaço vivido, podem existir ainda alguns "lugares especiais" que se destacam qualitativamente dos demais, por terem um significado afetivo, simbólico ou imaginário para a pessoa. Por exemplo, o lugar onde nasceu, ou onde

---

[4] Frémont, Armand. Recherches sur l'espace vécu. Espace géographique, tome 3, n°3, pp. 231-238, 1974.
[5] CHEVALIER, Jacques. Espace de vie ou espace vécu? L'ambiguïté et les fondements du concept d'espace vécu. L'Espace géographique, n. 1, p. 68, 1974.
[6] BUTTIMER, Anne. Grasping the Dynamism of Lifeworld. Annals of the Association of American Geographers, Vol. 66, No. 2, p. 277-292.Jun., 1976.

viveu seu primeiro amor, ou onde conheceu uma cultura diferente pela primeira vez na juventude. Esses lugares são parte do espaço vivido, mas também transcendem o espaço físico e se tornam espaços de memória, de emoção, de fantasia.

A contribuição de Gallais[7] sobre esse tema também é importante. Em seus estudos nas regiões da África, nordeste do Brasil e na índia, aspectos peculiares o chamaram atenção ao perceber que o espaço vivido é vastamente impregnado por um acervo imensurável de afetuosidade, transcendendo em muito a intensidade de nossas próprias vivências. Essa profunda carga emocional não se circunscreve unicamente ao sentimento de amizade que inerentemente os seres humanos nutrem pela região e pelo ambiente que os acolheu desde o princípio de suas jornadas, mas sim, é amplificada de maneira exponencial pela dinâmica intrínseca do espaço, que assume um papel de autêntico interlocutor nessa equação existencial.

O animismo e suas práticas rituais, ou seja, as inquietações místicas que conferem valores malevolentes ou benevolentes a determinados elementos ou direcionamentos do espaço, outorgam a essa mesma esfera uma rica substância mitológica. Consequentemente, o espaço vivenciado transcende sua meramente física essência e se erige como um teatro vívido e complexo de emoções, de simbolismos profundos e de fantásticas ilusões que convergem em um intrincado mosaico sensorial e simbólico. (GALLAIS, 1998 p. 12 apud SILVA 2018, p. 73).

O espaço vivido, dessa forma, pode ser interpretado e assimilado como uma locus repleta de subjetividades, permeada por nossas percepções, sentimentos e experiências únicas. Em tal contexto, seu enlevo abraça dimensões múltiplas, junto ao universo íntimo de cada indivíduo, amalgamando-se ao próprio eu de cada ser, adquirindo uma existência e relevância inerentes, capazes de transcender os limites físicos e alcançar o domínio dos significados imbuídos em suas entranhas. Destarte, o espaço vivido se erige como uma tessitura complexa de sentidos e significações, espraiando-se no vasto éter dos simbolismos que pontuam a jornada humana.

Deste modo, evidencia-se que a concepção do espaço experimentado se entrelaça com distintas grandezas, contudo, o cerne se concentra nas vivências, nas experiências e no vínculo afetivo que nutrimos com esses recintos em nosso cotidiano. Ao assumirem um caráter significativo, por um ou outro motivo, esses territórios transcendem sua natureza singela de meros locais que acolhem objetos,

[7] GALLAIS, Jean. Alguns aspectos do espaço vivido nas civilizações do mundo tropical. Espaço e Cultura, UERJ, n. 6, p. 9-16, jul/dez de 1998.

para se metamorfosearem em verdadeiros habitats carregados de significado, convertendo-se, por conseguinte, também em lugares de grande valor simbólico. O espaço vivido, então, pode ser entendido como um **lugar.**

Sobre o conceito de lugar, em seu primórdio, tal categorização espacial encontrava-se atrelada a uma noção restrita de mera localização, portanto, desprovida de vitalidade. Entretanto, a partir do movimento humanista que pautou a disciplina da Geografia, o conceito de lugar é meticulosamente reexaminado, desvendando-se outras perspectivas analíticas. Nesta vertente, emerge o entendimento de que são as próprias pessoas, com suas vivências e experiências, assim como as interações e intercâmbios comunicativos, que conferem sentido e visibilidade a esse ente chamado lugar, o qual adquire, por conseguinte, uma personalidade e profundidade de sentido notáveis.

Por conseguinte, o lugar se destaca como uma pausa no incessante movimento, uma pausa que se converte em uma relação inextricável entre o espaço e o tempo, transcende os limites físicos e se metamorfoseia em um epicentro pulsante de significados, comunicação e linguagem. Sob essa perspectiva, o lugar é alçado a um estado supremo de interconexão humana, uma esfera enriquecida por narrativas e discursos que ecoam no curso das eras, delineando sua trajetória de forma inefável e conferindo-lhe uma imensurável complexidade na trama da existência.

Como tal, o lugar transcende sua concepção primitiva de mera coordenada geográfica e abraça uma dimensão multifacetada, revelando-se como uma obra-prima do entrelaçamento entre a humanidade e o espaço que abriga suas mais profundas experiências. (HOLZER [8] , 1999; TUAN [9] , 2013, *apud* SILVA 2018, p. 74).

Ainda de acordo com Tuan [10] (2013, apud SILVA 2018, p. 74), a noção de lugar carrega consigo o matiz da segurança, um abrigo íntimo que nos acolhe e nos confere uma sensação de pertencimento, enquanto o espaço desvela-se como uma vastidão imensurável de liberdade que anseiam nossos desejos mais profundos.

---

[8] HOLZER, Werther. O lugar na geografia humanista. Revista Território. Rio de Janeiro. ano IV, n° 7. p. 67-78. jul./dez. 1999.
[9]TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. Trad.: Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.
[10] IDEM TUAN, 2019.

Afirmamos nossa ligação intrínseca com o primeiro e nutrimos ardentes aspirações pelo segundo.

Sob a perspectiva do teórico, não se pode negar a incontestável necessidade de mensuração e cartografia do espaço, entretanto, tais dados devem se aliar harmoniosamente aos dados de natureza experiencial, uma vez que somos seres humanos agraciados com o privilégio do acesso a estados de espírito, pensamentos abissais, sentimentos inefáveis e emoções imensuráveis, todos eles convergindo para conferir o colorido polifônico de toda a trama que constitui a experiência humana. Para o autor, “O lugar pode adquirir profundo significado para o adulto mediante o contínuo acréscimo de sentimento ao longo dos anos. Cada peça dos móveis herdados, ou mesmo uma mancha na parede, conta uma história " (TUAN, 2013, p. 47 apud SILVA, 2018, p. 75).

Ainda de acordo com Tuan [11] (apud SILVA, 2018, p. 75), o teórico realiza uma cuidadosa explanação acerca dos conceitos de apego ao lugar (ou topofilia) e aversão ao lugar (ou topofobia). No que tange à topofilia, essa compreensão está profundamente atrelada à noção de intimidade, proximidade, bem-estar, conforto e amor pelos espaços que nos circundam, constituindo um enlace afetivo que nos envolve com o ambiente e se torna parte indissociável de nossa experiência pessoal. Nesse vínculo afetuoso, estabelecemos laços íntimos com as características distintivas dos lugares, assimilando sua essência, suas paisagens e suas reminiscências em nosso próprio ser, forjando, desse modo, uma identidade fortemente interligada com os contextos locais que habitamos.

Em contraste, a topofobia emerge como o contraponto emocional desse cenário. Dessa forma, o conceito de aversão ao lugar engloba as relações desagradáveis marcadas por sentimentos de repulsa, ansiedade, medo e angústia que os ambientes podem suscitar em indivíduos específicos. Sob a sombra dessa aversão, percebemos uma inquietação interna, uma sensação de desconforto e desejo de afastamento em relação a certos locais, que podem estar associados a experiências traumáticas ou a elementos desconhecidos que despertam apreensão.

Esse espectro emocional delineia uma interação mais conflituosa entre o ser humano e os espaços que o cercam, tornando-se uma dimensão relevante a ser

[11] TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. Trad.: Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

explorada quando compreendemos as múltiplas facetas do relacionamento humano com o ambiente. Dessa maneira, o conceito de senso de lugar se consolida como um fio condutor que entrelaça a topofilia e a topofobia com a singularidade inerente a cada local. (TUAN, 2013, p. 47 apud SILVA, 2018, p. 75).

Nesse contexto, a proposta da oficina é mergulhar profundamente nessa relação emocional com o ambiente, utilizando a criação de fotobiografias e mapas de emoções. Os participantes serão guiados a explorar como suas experiências e emoções se entrelaçam com lugares específicos, proporcionando uma compreensão única de como as histórias pessoais e os espaços se influenciam mutuamente.

De acordo com a perspectiva de Entrikin [12] (1991, apud SILVA 2018, p. 75), o lugar é intrinsecamente um contexto, e seu significado na vida moderna está profundamente ligado ao fato de que, como atores, estamos sempre situados dentro de um lugar, e os contextos em que nossas ações ocorrem contribuem para a construção de nossa identidade. Dessa forma, a análise do lugar assume uma relevância fundamental na compreensão da experiência humana na contemporaneidade. O lugar enquanto contexto engloba tanto as qualidades existenciais de nossa experiência dentro do espaço, como também a nossa percepção do lugar enquanto entidade “objetiva” no mundo.

O senso de lugar está intrinsecamente relacionado à especificidade do ambiente em que vivemos. Existe, portanto, um contexto simbólico que permeia a construção e vivência de nossas vidas no lugar. Nessa intrincada relação, somos conduzidos a perceber-nos como parte integrante do lugar, ao mesmo tempo em que enxergamos o lugar como algo separado, externo a nós.

Por exemplo, nosso bairro é uma área que abriga nossa casa e, por extensão, um espaço central em nossa existência. No entanto, ele também engloba outras casas, ruas e indivíduos, revelando-se como uma trama complexa e interconectada de significados e relações. Assim, o lugar se consolida como um epicentro de significância, sendo, ao mesmo tempo, o contexto externo em que nossas ações se desenrolam [13] (Entrikin, 1991 apud SILVA, 2018, p. 75).

Essa interação entre o lugar enquanto contexto e o senso de lugar como entidade singular promove uma dança sutil e enigmática entre a subjetividade humana e a essência peculiar dos ambientes que habitamos. Em cada encruzilhada

---

[12]Entrikin, J.N. (1991). *The Betweenness of Place*. London: Macmillan.
[13]ENTRIKIN, J.N. (1991). *The Betweenness of Place*. London: Macmillan.

de nossa jornada, somos confrontados com a dualidade de pertencermos e nos identificarmos com o lugar, ao mesmo tempo em que reconhecemos sua individualidade e diferenciação em relação a nós. Essa perspectiva multifacetada nos instiga a questionar e explorar os aspectos simbólicos e práticos de nossas interações com o espaço. Desvendar a complexa teia de significados presentes nos lugares, tanto no plano emocional quanto no aspecto físico, é crucial para a compreensão mais profunda da vida moderna e da identidade humana no mundo contemporâneo [14] (Entrikin, 1991, apud SILVA, 2018, p. 75).

O avanço da perspectiva humanista dentro da geografia trouxe significativas contribuições para o desenvolvimento da Geografia das Emoções, conforme evidenciado por inúmeros estudos. Bondi [15] (2005 apud SILVA, 2018, p. 75) destaca que pesquisas dentro da Geografia Humanista têm se dedicado a explorar os sentimentos que emergem em relação aos lugares, como o amor, o ódio, o prazer, a culpa, a tristeza e a raiva. No entanto, é importante notar que o objetivo desses estudos não foi o de realizar uma análise detalhada ou uma definição conceitual das emoções em si. Essa abordagem deixou um espaço em aberto para uma nova vertente emocional, a qual será examinada a seguir.

2.2 O que os geógrafos sentem? Um panorama da Geografia das Emoções na literatura geográfica.

A geografia emocional é uma abordagem humanística da geografia que se baseia, de forma mais ou menos explícita, em diversas correntes filosóficas, especialmente a fenomenologia, o existencialismo, o espiritualismo e o pós-modernismo. Suas perspectivas teóricas têm raízes no Movimento Romântico, que exerceu influência sobre os geógrafos do século XIX. Trata-se de uma abordagem de desenvolvimento recente que direciona sua atenção para as emoções, sentimentos e sensações como fontes de conhecimento e representações

[14] IDEM ENTRIKIN 1991.
[15] BONDI, Liz. Making connections and thinking through emotions: between geography and psychotherapy. Institute of Geography, School of Geosciences, University of Edinburgh, p. 433–448, 2005.

da superfície terrestre. Dessa forma, ela vai além da racionalidade científica, que tradicionalmente tem sido o cerne da cultura ocidental (ANDREOTTI, 2013).

Para a autora, a abordagem emocional enfatiza as nuances, espaços e tempos. Explora a configuração oculta de lugares e paisagens, enquanto valoriza a diversidade de sentimentos e percepções, harmonizados em diversos contrapontos. O real, nesse caso, é considerado como um fenômeno complexo e perceptivo. Em vez de interpretá-lo através de medidas matemáticas e geométricas que o empobrecem de significado, como frequentemente é feito, busca-se entendê-lo como uma diversidade de sentidos associados a suas diferentes tonalidades. Dessa forma, não se sacrifica nem reduz o real à racionalidade, mas exalta-se suas múltiplas facetas.

Culminando com as ideia supracitadas, é válido enfatizar as reflexões trazidas por Bondi (2012), que afirma:

> Uma genuína geografia emocional não pode apenas lidar com sentimentos, como um corretor da bolsa de valores lida com dólares, ou medir resultados políticos de acordo com algum termo burocraticamente derivado de algum cálculo hedonista. Ela deve tentar expressar aquilo que é inefável em linguagens objetivas, isto é, um senso de envolvimento emocional com pessoas e lugares, ao invés de apenas um distanciamento afetivo. (BONDI, 2012, p. 2, tradução nossa[16]).

A Geografia das Emoções pode ser considerada como um tipo de abordagem recente dentro da Geografia, tendo aparecido com maior frequência nos últimos 20 anos. Geralmente, as pesquisas na área da Geografia das Emoções exploram assuntos relacionados ao contexto social e cultural, visando entender como as representações espaciais estão conectadas à dimensão emocional.

Para Furlaneto (2014, p. 79) a Geografia das Emoções diz respeito à vivência emotiva e à interpretação delicada dos espaços, às emoções e aos sentimentos que compõem as cenas, fortalecendo, desta maneira, a relevância do afeto como atributo fundamental da presença humana no globo terrestre.

A Geografia das Emoções, ao se aprofundar na exploração das interações emocionais entre indivíduos e seu entorno, encontra uma ressonância notável com

[16]Original em Inglês: “A genuine emotional geography cannot just deal in feelings, like a stockbroker deals in dollars, or measure policy outcomes in terms of some bureaucratically derived hedonistic calculus. It must try to express something that is ineffable in such objectifying languages, namely a sense of emotional involvement with people and places, rather than emotional detachment from them. All of the chapters in this book attempt to do this, although the methods they employ and their modes of expression differ considerably.”

o cenário descrito. Esta abordagem não só abarca a análise das emoções manifestadas entre pessoas, mas também se estende de maneira mais abrangente a incluir as ligações emocionais que se estabelecem com lugares, paisagens e os elementos presentes nesses contextos específicos.

Nos estudos pertinentes, as emoções são expressas por indivíduos em relação a diversas circunstâncias. Embora essas emoções tenham uma natureza pessoal, muitas vezes ocorre uma tentativa de contextualizá-las em um âmbito emocional mais abrangente. Contudo, é evidente que a apreensão desse panorama mais abrangente geralmente deriva das próprias emoções explicitadas pelas pessoas.

Isso ressalta como, frequentemente, o espaço emocional entre os indivíduos se configura como uma experiência direta, fundamentada na troca e recepção de sentimentos subjacentes ou manifestos, provenientes tanto de outras pessoas quanto de elementos concretos, como as paisagens circundantes.

Nesse contexto, vale destacar a visão de Pile (2010, p. 15) ao dizer que a Geografia das Emoções

> Frequentemente, concentra-se nas emoções que as pessoas sentem umas pelas outras e, de forma mais abrangente, pelos lugares, pelas paisagens, pelos objetos nas paisagens e em situações específicas. Em tais estudos, as pessoas expressam emoções sobre algo. Essas emoções são consideradas pessoais, no entanto, muitas vezes há uma tentativa de encaixar essas emoções expressas em um contexto mais amplo de emoções. Mesmo assim, a compreensão desse contexto mais amplo é frequentemente construída a partir das emoções expressas pelas pessoas. Comumente, então, o espaço entre as pessoas é de experiência direta e baseado na transmissão/recepção suave de sentimentos tácitos ou explícitos (sejam provenientes de outras pessoas ou de objetos, como paisagens) (tradução nossa[17]).

A proposta da Geografia das Emoções, assim, almeja decifrar a realidade para além das abordagens matemáticas que frequentemente caracterizam a ciência em geral e a geografia racionalista em particular. Esta última, por sua vez, se

[17] Original em inglês: “[...] commonly concerns itself with the emotions that people feel for one another and, more extensively, for places, for landscapes, for objects in landscapes and in specific situations. In such studies, people express emotions about something. These emotions are taken as personal, yet there is often an attempt to fit these expressed emotions into a wider context of emotions. Even so, an understanding of this wider context is frequently built up out of people’s expressed emotions. Commonly, then, the space between people is one of direct experience, and based on the smooth transmission⁄reception of tacit or explicit feelings (whether from other people or from objects such as landscapes) [...]”.

fundamenta em uma predominância de pressupostos positivistas, os quais concebem o mundo como uma rede de conexões causais. Seu método se orienta por um empirismo indutivo, de natureza racionalista e incontestavelmente antimetafísica. O atrativo da Geografia das Emoções reside no enfoque sobre o lugar vivenciado, que apresenta uma pluralidade de matizes inexplorados e que não se submete à análise unicamente embasada na racionalidade científica. (ANDREOTTI, 2013).

Nesse contexto, o diálogo contemporâneo sobre a geografia emocional emerge como uma representação de uma cartografia do espírito, dos sentimentos e, adicionalmente, dos sentidos. Tal discussão está especialmente voltada para as formas sensoriais que se entrelaçam com nossa vivência no mundo, mas ressoa também com as modalidades de apreensão das informações do ambiente ao nosso redor. (ANDREOTTI, 2013).

A Geografia das Emoções, ao desdobrar-se, destaca a importância intrínseca do lugar como epicentro das investigações. Isso se traduz na exploração detalhada das conexões emocionais e sensoriais que enriquecem a experiência humana em um determinado território. A perspectiva emocional oferece um contraponto vital à visão estritamente racionalista, permitindo a apreciação das nuances que transcendem os limites impostos por análises puramente lógicas. Assim, a jornada pela Geografia das Emoções desvela um mundo complexo e enriquecido pela multiplicidade de percepções que se entrelaçam na tessitura de cada lugar. (ANDREOTTI, 2013).

A concepção dos geógrafos a respeito da Geografia das Emoções é ancorada na identificação das emoções como modalidades de conhecimento, identidade e ação em sua amplitude mais abrangente. Esse entendimento é aproveitado para transcender as abordagens convencionais dos saberes geográficos. Nesse contexto, as pessoas assumem um papel central na análise, e a compreensão do espaço geográfico expande-se além de sua dimensão tangível, material e concreta. A exploração também abraça a capacidade de incorporar as expressões espaciais e as conexões afetivas ou aversivas com os lugares (ANDERSON; SMITH, 2001).

Na perspectiva delineada, a Geografia das Emoções delineia um caminho que conduz a um aprofundamento do engajamento humano com o espaço. A cognição emocional se apresenta como uma faceta vital na apreensão da paisagem, indo além do mero arranjo físico e adentrando o reino das significações e vínculos

pessoais. Com essa ótica, as noções tradicionais de espaço são enriquecidas com a dimensão emocional e as dinâmicas afetivas que desempenham um papel integral na construção das narrativas espaciais. Nesse sentido, o território não é meramente um substrato inerte, mas um palco complexo onde as emoções desempenham uma função essencial (ANDERSON; SMITH, 2001).

À medida que a exploração da Geografia das Emoções se aprofunda, emerge a perspectiva de um novo paradigma espacial. Esse paradigma transcende as fronteiras das abordagens tradicionais, abraçando a plenitude da experiência humana em relação ao mundo circundante. Ao reconhecer as emoções como elementos constituintes da percepção e interação com o espaço, os geógrafos abrem as portas para um entendimento mais rico e holístico das paisagens e lugares. Isso impulsiona uma evolução na disciplina geográfica, na qual as emoções não são apenas consideradas, mas celebradas como componentes essenciais da narrativa geoespacial (ANDERSON; SMITH, 2001).

De acordo com Silva (2016) a proposta subjacente a esse tema não se limita a abordar as emoções isoladamente, mas visa investigar a interconexão entre as emoções, o corpo e os espaços que habitamos. O âmago da questão reside em compreender não apenas as emoções em si, mas também como elas se entrelaçam com nosso corpo e se manifestam nos lugares que frequentamos. Essa abordagem reconhece que nossa interação emocional com os ambientes e a própria vida é intrinsecamente entrelaçada entre a dimensão emocional e a dimensão espacial.

De acordo com a autora, as configurações da vida quotidiana se encontram imbuídas de emoções e sentimentos, e nossos debates geográficos adquirem uma natureza de psicogeografias pessoais e sociais. Nesse cenário, torna-se essencial a exploração das dimensões espaciais da emoção, do sentimento e da afetividade. Os locais não permanecem estáticos, uma vez que nos acompanham por meio das emoções, as quais também fazem parte de nossa memória tanto individual quanto coletiva. Dessa forma, o avanço da geografia até o estágio atual é resultado de mais de meio século de consideração do componente subjetivo na percepção e experiência do espaço, com ênfase particular na paisagem e no lugar, que persistem como os conceitos-chave nas correntes geografias emocionais contemporâneas.

Corroborando com isso, vale evidenciar a visão de Nogué (2016) ao apontar que

> A existência, em sua essência, é simultaneamente marcada pela dimensão espacial e emocional. Nós interagimos de forma contínua e emotiva com os lugares, insuflando neles significados que nos são retribuídos por meio das emoções que evocam em nós. Tanto a memória pessoal quanto a coletiva, assim como a própria imaginação, transcendem sua natureza temporal para se tornarem intrinsecamente espaciais. As categorias geográficas fundamentais, que são adquiridas na educação ou aplicadas em nosso cotidiano, carregam consigo associações emocionais. Distintas emoções emergem em diversos contextos geográficos, e mergulhamos em paisagens carregadas de carga emocional, pois estas são mais do que meras realidades tangíveis, configurando-se como construções sociais e culturais ricas em conteúdo imaterial e denso, que frequentemente só podem ser acessadas através do prisma das emoções (tradução nossa[18]).

Silva (2018) ainda aponta que, nesse percurso, há dois desafios centrais ao introduzir a discussão das emoções na área da Geografia: um de ordem teórica e outro de cunho metodológico. Do ponto de vista teórico, a Geografia não possui uma tradição estabelecida na formulação de uma teoria emocional, o que ressalta a importância de um diálogo interdisciplinar para conectar-se com campos do conhecimento nos quais esse debate já se encontra mais desenvolvido, como a Antropologia e a Sociologia das Emoções.

Por outro lado, no aspecto metodológico, surge o desafio de que as emoções não podem ser adequadamente analisadas por meio de abordagens quantitativas, requerendo a incorporação de metodologias qualitativas. Isso dialoga diretamente com a proposta da atividade de fotobiografia e geografia das emoções. A atividade se encaixa naturalmente em uma abordagem qualitativa, permitindo que os participantes compartilhem experiências ricas e contextualizadas, proporcionando uma compreensão mais profunda das complexidades espaciais e das relações emocionais entre indivíduos e ambientes. Portanto, a atividade não apenas está alinhada com a abordagem qualitativa necessária para explorar as emoções na geografia, mas também oferece uma experiência prática para os participantes aplicarem essas metodologias em um contexto educacional enriquecedor e introspectivo.

---

[18] Original em espanhol: ‘’La vida es, en esencia y a la vez, espacial y emocional. Interactuamos emocionalmente y de manera continua con los lugares, a los que imbuimos de significados que retornan a nosotros a través de las emociones que nos despiertan. La memoria individual y colectiva, así como la imaginación, más que temporales, son espaciales. Las categorías geográficas básicas que se aprenden en la escuela, o las que utilizamos en nuestra vida cotidiana, conllevan asociaciones emocionales. Experimentamos emociones específicas en distintos contextos geográficos y vivimos emocionalmente los paisajes porque estos no son solo materialidades tangibles, sino también construcciones sociales y culturales impregnadas de un denso contenido intangible, a menudo solamente accesible a través del universo de las emociones” (Nogué, 2015, p. 141).

3. GEOGRAFIA DAS EMOÇÕES NA FORMAÇÃO DOS ALUNOS: EXPLORANDO EMOÇÕES E LUGARES EM SALA DE AULA

A interseção entre a Geografia das Emoções e o ensino de Geografia oferece uma perspectiva inovadora e enriquecedora para a educação geográfica contemporânea. Este capítulo explora dois aspectos fundamentais desse campo emergente, destacando sua relevância e fornecendo uma proposta de atividade prática para aprimorar a compreensão da relação entre os espaços geográficos e as emoções humanas.

A Geografia das Emoções transcende as fronteiras tradicionais da disciplina geográfica, enriquecendo-a com uma compreensão mais profunda das conexões emocionais entre indivíduos e seus ambientes. Neste primeiro tópico, exploraremos como essa abordagem inovadora pode enriquecer o ensino de Geografia, capacitando os estudantes a analisar e interpretar não apenas a paisagem física, mas também as paisagens emocionais que moldam nossa percepção do mundo ao nosso redor.

No segundo tópico, apresentaremos uma proposta de atividade prática que pode ser aplicada em sala de aula. Essa atividade envolverá os estudantes em uma exploração sensorial e emocional de um local específico, incentivando-os a mapear suas próprias experiências emocionais e a refletir sobre como essas emoções estão intrinsecamente ligadas à geografia do lugar. Esta atividade fornecerá uma plataforma valiosa para a aplicação dos conceitos abordados no tópico anterior e permitirá aos alunos uma imersão profunda na Geografia das Emoções.

3.1 A importância da Geografia das Emoções para a formação geográfica dos alunos.

As transformações no campo educacional ao longo da história refletem de forma dialética a reconstrução dos conhecimentos e suas intenções, as quais deixam marcas em todas as esferas da sociedade. No contexto da educação de base, e no escopo desta pesquisa, especificamente no ensino médio, a Geografia escolar tem se adaptado e acompanhado essas mudanças, seja no âmbito

educacional ou na evolução e valorização da Geografia como uma disciplina científica.

No entanto, enfrentamos desafios significativos na prática de ensino, que são evidenciados por estatísticas que mostram um aumento na qualidade em comparação com o passado, mas ainda muito abaixo do desejado e do considerado ideal. Isso se torna mais evidente quando consideramos o aluno como um ser histórico, capaz de atuar como agente de recriação e transformação de sua própria realidade. O objetivo é orientá-lo em direção ao tripé do processo de aprendizado da Geografia no século XXI: protagonismo, inovação e percepção. Isso não apenas na educação escolar, que às vezes parece estática e limitada, mas sim naquela que é constante, mutável e cheia de possibilidades (FROTA, 2021).

Diante dessas considerações, tendo em vista os elementos dialéticos e unificadores da edificação social no que tange à produção de conhecimento e à assimilação das geografias no ensino, surge a seguinte indagação: quais são os efeitos e as oportunidades de mudança que a subjetiva percepção, a vivência pessoal e a imaginação do espaço geográfico engendram no processo de aprendizado da Geografia? Isso implica em uma perspectiva perspicaz, de compreensão e transformação, como potencial para uma aprendizagem genuína da Geografia, baseada na aplicação do conhecimento científico ao cenário experimentado, contribuindo, assim, para a formação integral e humanística dos estudantes no âmbito da educação geográfica (FROTA, 2021).

O tópico em análise assume uma relevância ímpar no cenário educacional brasileiro atual, o qual se depara com desafios singulares no contexto das novas necessidades educacionais e a urgência de práticas pedagógicas mais eficazes, inclusivas e dialógicas, voltadas para o bem-estar coletivo dos indivíduos no processo de ensino-aprendizagem.

As vivências do dia a dia são formadas não apenas pelo que observamos em sua dimensão material e tangível, mas também são impulsionadas pelas interações imateriais e simbólicas que nos ligam aos espaços e aos vínculos que estabelecemos com os outros. As emoções desempenham um papel essencial nessas conexões, conferindo sentido e significado à maneira como organizamos, habitamos e nos relacionamos com o mundo.

Nesse sentido, é de nosso interesse refletir sobre as emoções nos contextos socioculturais, como um aspecto central de nossa ação espacial e como uma

mediação na construção de vivências emocionais. Nesse cenário, entende-se que esses elementos vitalizam a existência e conferem configurações e tonalidades às emoções. Elas podem se tornar fontes de construção de conhecimento geográfico, aproximando subjetividades e experiências espaciais individuais e coletivas.

Nossos vínculos com o espaço geográfico transcendem o aspecto físico e entrelaçam-se profundamente com sentimentos e emoções, os quais são moldados e despertados por meio de experiências que remontam desde o nosso nascimento. No contexto educacional, essa realidade se traduz em uma abordagem renovada que busca superar os desafios na relação entre a Geografia acadêmica, a Geografia escolar e as experiências de vida dos cidadãos, visando fomentar uma maior humanização, algo que não é encontrado com frequência no ambiente escolar.

De acordo com Mello (2016), a escola enfrenta um desafio significativo ao não proporcionar oportunidades para que os alunos se envolvam de forma contínua em processos de codificação e decodificação, criação e leitura, interpretação e imaginação, tanto em relação a situações reais quanto à vida em geral. Isso resulta na separação entre a escola, a geografia e a vida cotidiana dos alunos.

Indo de encontro a isso, vale salientar a visão de Watkins (2011) sobre a sala de aula.

> É um espaço de corpos mutáveis, animados e inanimados, onde vários tipos de relacionamentos são formados, em particular entre professor e estudantes. O espaço, então, não é a coisa principal; tal como acontece com o tempo, mas é um fenômeno que explica, uma ‘ordem de coexistência’; das relações entre os corpos, sua localização e posição (tradução nossa[19]).

No contexto da geografia das emoções, essa abordagem se torna relevante ao considerar o espaço como um ambiente no qual uma ampla gama de emoções e relações interpessoais, em particular entre professores e estudantes, se desdobram. O espaço físico, seja ele a sala de aula ou o ambiente educacional em sua totalidade, não deve ser percebido como um mero cenário, mas como um contexto que facilita a interação emocional e as conexões entre os indivíduos.

Dessa forma, o espaço transcende sua dimensão física, transformando-se nessa "ordem de coexistência" que influencia as relações emocionais entre os

[19] Original em Inglês: ‘’It is a space of shifting bodies, both animate and inanimate, where various relationships are formed, in particular that between teacher and students. Space, then, is not a priori; as with time, it is a relative phenomenon and explains, ‘an order of coexistence’; of relationships between bodies, their location and position’. ’’. (WATKINS, 2011, p. 138)

corpos presentes, sua disposição e posicionamento emocional. Essa perspectiva enfatiza a importância de compreender as complexas interações emocionais que ocorrem no ambiente educacional e como essas emoções desempenham um papel fundamental na experiência de aprendizado. Isso contribui para uma apreciação mais profunda das dinâmicas emocionais dentro do contexto geográfico, enriquecendo a compreensão das interações entre espaço, emoção e educação.

Conforme Hargreaves (2001) observa, os processos de ensino e aprendizagem transcendem a mera transmissão de conhecimento e a ativação da cognição. Eles são, essencialmente, práticas carregadas de componentes emocionais. Isso implica que não se trata apenas de lidar com as emoções de forma isolada, mas sim de reconhecer que o ensino e a aprendizagem resultam da interação complexa entre cognição, sentimentos e pensamentos. Essa fusão de elementos culmina na prática social da educação, onde as dimensões emocionais desempenham um papel integral e significativo.

Ainda de acordo com Hargreaves (2001), ao considerar a educação como uma prática emocional, os processos de ensino e aprendizagem instigam, dão vida e expressam os sentimentos dos professores e daqueles que os professores influenciam. Sendo assim, um professor pode entusiasmar seus estudantes, ou entediá-los; ser acessível ou mais reservado em relação aos pais dos alunos; confiar em seus colegas de profissão ou agir de modo desconfiado no seu ambiente de trabalho. Todo ensino é, portanto, inextricavelmente emocional - por design ou padrão.

Essa perspectiva ressalta que os processos de ensino e aprendizagem não são apenas veículos para a transmissão de informações, mas também são veículos para a transmissão de emoções. Professores de Geografia, como mediadores entre o conhecimento geográfico e os alunos, têm o poder de influenciar significativamente as experiências emocionais dos estudantes em relação à disciplina. Um professor entusiasmado e apaixonado pela geografia pode contagiar seus alunos com esse mesmo entusiasmo, criando um ambiente de aprendizado positivo. Da mesma forma, um professor que não demonstra interesse ou emoção pela geografia pode desencorajar o interesse dos alunos pela matéria. Essa conexão entre a disposição emocional do professor e a resposta emocional dos alunos ressalta a importância de os educadores estarem cientes de suas próprias emoções e de como elas podem influenciar o ambiente de aprendizado geográfico.

Além disso, a Geografia das Emoções no ensino de Geografia pode beneficiar-se da compreensão de que o ensino é inextricavelmente emocional. Isso implica que os educadores podem incorporar conscientemente estratégias que reconheçam e gerenciem as emoções dos alunos em relação à geografia. Por exemplo, ao abordar tópicos sensíveis, como mudanças climáticas ou questões de justiça espacial, os professores podem adotar abordagens que considerem as respostas emocionais dos alunos e criem um ambiente onde eles se sintam confortáveis para expressar suas emoções e perspectivas.

Em sintonia com as perspectivas de Hargreaves (2001) sobre a educação como uma prática intrinsecamente emocional e levando em conta as considerações de Silva (2020) sobre as competências socioemocionais, torna-se imperativo considerar tais competências no ensino de Geografia. A abordagem educacional não deve se limitar à mera transmissão de conhecimento geográfico, mas também abraçar o papel fundamental das emoções no processo de aprendizagem.

Ao incorporar as competências socioemocionais, estamos contribuindo para o desenvolvimento dos alunos de forma a capacitá-los a abordar criticamente os desafios do mundo contemporâneo. Isso exige que os alunos não apenas adquiram conhecimento geográfico, mas também cultivem habilidades como argumentação, escuta ativa, compreensão mútua e interpretação do outro. Ao promover a aceitação das diferenças, adotar uma postura ética e responsável nas interações coletivas e estabelecer relações construtivas, estamos reconhecendo que o ensino e a aprendizagem são processos intrinsecamente emocionais, e é fundamental integrar essa compreensão nas práticas educacionais de Geografia.

Essa abordagem não apenas permite que os alunos adquiram conhecimento geográfico, mas também os capacita a aplicar esse conhecimento de maneira ética e responsável em suas interações com o mundo. Ao reconhecer que as emoções desempenham um papel integral na formação das percepções e atitudes dos alunos em relação à Geografia, estamos alinhando nossa abordagem educacional com as considerações de Hargreaves e Silva. Ao fazê-lo, não apenas promovemos uma compreensão mais profunda das complexidades emocionais que permeiam o ensino de Geografia, mas também contribuímos para a formação de cidadãos críticos, conscientes e socialmente responsáveis, capazes de aplicar seus conhecimentos geográficos em contextos do mundo real, com empatia e ética, no contexto coletivo.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) destaca a importância de abordar não apenas os aspectos cognitivos, mas também socioemocionais no processo educacional. Ela reconhece a necessidade de desenvolver competências socioemocionais nos alunos, como empatia, respeito às diferenças culturais, compreensão das emoções e habilidades de resolução de conflitos (Brasil, 2017, p. 6).

A conexão entre a BNCC e a promoção do pensamento espacial pode ser estabelecida através da compreensão de que as competências socioemocionais, enfatizadas na BNCC, são cruciais não apenas para o desenvolvimento integral dos alunos, mas também para o aprimoramento do raciocínio geográfico.

Ao incentivar o desenvolvimento de competências socioemocionais, como empatia e respeito às diferenças culturais, os alunos podem aprender a considerar diversas perspectivas geográficas, respeitar as diferentes formas de vida e entender as emoções envolvidas nas experiências humanas em contextos geográficos variados. Isso, por sua vez, contribui para uma compreensão mais profunda do espaço geográfico e da interconexão entre lugares e pessoas.

A Geografia das Emoções no ensino de geografia está intrinsecamente ligada às habilidades socioemocionais e à compreensão do sujeito e seu lugar no mundo, como destacado no trecho sobre a unidade temática "O sujeito e seu lugar no mundo" (Brasil, 2018, p. 358).

No Ensino Fundamental – Anos Iniciais, a abordagem da Geografia das Emoções pode ser incorporada ao aprofundamento do conhecimento sobre si mesmas e a comunidade, valorizando contextos próximos da vida cotidiana. Isso permite que os alunos desenvolvam competências socioemocionais, como empatia e respeito às diferenças socioculturais, ao perceberem e compreenderem as dinâmicas de suas relações sociais e étnico-raciais. A reflexão sobre as emoções e como elas são influenciadas pelo espaço geográfico pode enriquecer a compreensão do mundo e da própria identidade.

No Ensino Fundamental – Anos Finais, a Geografia das Emoções pode ser integrada ao estudo das relações do sujeito com contextos mais amplos, considerando questões políticas, econômicas e culturais do Brasil e do mundo. Isso promove não apenas a compreensão do lugar de cada indivíduo no mundo, mas também o desenvolvimento de competências socioemocionais relacionadas à cidadania ativa, democrática e solidária. Os alunos podem explorar como as

emoções influenciam suas visões sobre essas questões e como podem contribuir para sociedades mais inclusivas e justas.

Ao incorporar a Geografia das Emoções no ensino de Geografia, os educadores podem enriquecer a experiência de aprendizado dos alunos, permitindo que eles explorem suas próprias emoções em relação ao espaço geográfico e compreendam como as emoções desempenham um papel na formação de percepções e atitudes em relação ao mundo ao seu redor. Além disso, essa abordagem ajuda a formar cidadãos mais conscientes, críticos e emocionalmente inteligentes, capazes de interagir de maneira mais empática e construtiva com o ambiente geográfico e a diversidade cultural e social.

Portanto, a Geografia das Emoções no ensino de Geografia se conecta diretamente com a promoção das competências socioemocionais e com a formação de sujeitos conscientes de seu papel no mundo, enriquecendo tanto a compreensão do espaço geográfico quanto o desenvolvimento pessoal e social dos alunos.

No Ensino Médio, a influência da Geografia das Emoções se torna ainda mais relevante, considerando a ampliação e o aprofundamento das capacidades cognitivas e do repertório conceitual dos jovens nessa etapa da educação (Brasil, 2018, p. 547). Com a maturidade intelectual e a capacidade de articular informações e conhecimentos, os estudantes do Ensino Médio estão em um estágio propício para explorar a complexidade das emoções no contexto geográfico.

A Geografia das Emoções pode ser integrada de forma mais profunda e abrangente, permitindo aos alunos desenvolver percepções mais acuradas da realidade e raciocínios mais complexos. Eles podem explorar como as emoções influenciam não apenas sua relação com o espaço físico, mas também sua compreensão das questões políticas, sociais e culturais. Além disso, a capacidade de dominar diferentes linguagens, como a cartográfica, facilita a expressão e a análise das emoções relacionadas aos lugares e territórios.

No Ensino Médio, a Geografia das Emoções pode desafiar os alunos a refletirem sobre como as emoções moldam suas percepções do mundo, como influenciam suas escolhas e como afetam suas interações com o ambiente e com outras pessoas. Isso contribui para uma formação mais holística e consciente, preparando-os para compreender a complexidade das relações humanas e dos desafios geográficos contemporâneos. Em última análise, a Geografia das Emoções no Ensino Médio promove não apenas a compreensão do espaço geográfico, mas

também o desenvolvimento de cidadãos críticos, emocionalmente inteligentes e socialmente responsáveis.

Nesse contexto, a abordagem da Geografia das Emoções no ensino médio se alinha com a visão de Junior e Frota (2021, p. 105), que enfatiza a necessidade de um ambiente educacional que vá além do livre-pensar e integre práticas pedagógicas relacionadas às experiências emocionais dos estudantes. A geografia emocional não se restringe à afetividade, mas abraça as vivências dos alunos e toda a construção emocional como uma ferramenta fundamental na formação geográfica.

Dentro desse cenário, a afetividade, à luz da Geografia das Emoções, é percebida como um ponto de encontro entre as experiências subjetivas dos estudantes e o conhecimento científico no processo de ensino-aprendizagem. O professor, como mediador desse processo, desempenha um papel crucial ao facilitar não apenas o aprofundamento teórico, mas também a humanização das relações entre os estudantes e o próprio conhecimento geográfico.

A criação de um ambiente emocionalmente acolhedor se torna essencial para dar espaço às vivências, às Geografias Emocionais construídas nos espaços vividos, nas paisagens diversas e no multiculturalismo da região. Isso também compreende a densidade dos conflitos territoriais e a amplitude de visão do espaço geográfico, elementos frequentemente negligenciados pelos sistemas educacionais atuais. A integração da Geografia das Emoções no ensino médio não apenas enriquece a formação geográfica dos estudantes, mas também promove uma educação mais humanizada e sensível às experiências individuais e coletivas.

Uma abordagem da Geografia das Emoções no ensino médio exige o reconhecimento do estudante como um agente histórico, cujas geografias emocionais são moldadas por suas vivências (Junior e Frota, 2021, p. 106). Essa perspectiva sensibilizada visa enriquecer a formação geográfica dos alunos, e esta é justamente a base para a proposta da atividade de fotobiografia e Geografia das Emoções.

3.2 Emoções e lugares em sala de aula: uma proposta de oficina pedagógica para o ensino de geografia.

A complexa relação entre seres humanos e os espaços que habitam é profundamente influenciada por uma miríade de emoções. A Geografia das Emoções surge como um campo de pesquisa em crescimento, destinado a desvendar como as experiências emocionais modelam a percepção e construção do ambiente.

Para compreender plenamente esta atividade, é essencial contextualizar a Geografia das Emoções. Este campo de estudo passou por uma evolução notável, inicialmente relegando as emoções a um papel secundário na análise do espaço. As emoções foram frequentemente omitidas ou simplificadas em estudos geográficos. No entanto, à medida que a disciplina evoluiu, as emoções emergiram como elementos cruciais na forma como experimentamos e concebemos o mundo ao nosso redor.

Particularmente, nos últimos anos, a Geografia das Emoções passou por uma renovação significativa, reconhecendo a importância das emoções na formação de nossas percepções e representações do espaço. Isso inclui a compreensão de como as emoções afetam nossos julgamentos sobre a qualidade de lugares, nossa conexão com ambientes naturais ou urbanos e até mesmo nossa identidade cultural e social.

A atividade proposta, pensada para abarcar estudantes do Ensino Médio, começa por direcionar os participantes a selecionar locais de profundo significado emocional em suas vidas e a compor fotobiografias. Vale salientar que essa atividade é inspirada na atividade pensada por Silva (2020). Para realizá-la, faz-se necessária a utilização de smartphones ou câmeras fotográficas. Em casos onde há escassez desses recursos, é importante pensar em formas de fazer com que a atividade seja realmente inclusiva, portanto, compartilhar câmeras, utilizar desenhos, colagens, narrativas orais ou mesmo imagens de domínio público são possíveis alternativas que podem ser utilizadas.

Partimos da premissa de que as imagens que capturamos em nosso dia a dia possuem um significado intrínseco para nossas vivências pessoais, tornando-se parte integral de nossas biografias, memórias e narrativas. Por essa razão, podemos explorar abordagens metodológicas como a "auto-fotografia" e a "fotobiografia",

ambas com o mesmo propósito fundamental: colocar o enfoque na experiência do indivíduo, que a expressa por meio da forma visual da fotografia (Silva, 2020, p. 267).

Ainda de acordo com Silva (2020), a utilização destas ferramentas metodológicas representa uma abordagem estética e única para a narrativa das "histórias de vida", permitindo que se revelem vestígios e nuances das emoções, sensibilidades e sentimentos que compõem os fragmentos da experiência de cada indivíduo, tornando cada narrativa profundamente singular e rica em detalhes que ilustram a jornada única de cada pessoa.

Seguindo essa linha de raciocínio, vale ressaltar a visão de Bruno (2010, p. 30)

> A Fotobiografia, a que se pretendeu, pensa a imagem – predominantemente fotográfica neste caso - não como um mero objeto, mas como um “acontecimento” – ora epifania, ora fenômeno no sentido etimológico das palavras –, um campo de forças que se cruzam e um sistema de relações que coloca em jogo diferentes instâncias enunciativas (o verbal), figurativas e perceptivas (o visual).

Essa abordagem conceitual sobre a Fotobiografia, considerando a imagem fotográfica como um "acontecimento", um fenômeno complexo que envolve diversas dimensões, tem uma ligação intrínseca com a proposta de atividade de fotobiografias na Geografia das Emoções.

Ao tratar a imagem fotográfica não apenas como um objeto, mas como um campo de forças que cruza diferentes instâncias, essa abordagem se alinha com a ideia de que as fotografias capturam momentos carregados de emoções, sentimentos e significados pessoais. Cada imagem, quando utilizada na atividade de fotobiografias, torna-se um "acontecimento" emocional, um fenômeno que representa a experiência única de um indivíduo em um local específico.

Aliado a essa perspectiva estão os pensamentos de França e Franzoi (2018). Para as autoras, a produção de imagens é muito mais do que um ato técnico; é um processo criativo que permite que os sujeitos expressem reflexões, conhecimentos e experiências. Essas imagens não apenas documentam a realidade, mas também representam narrativas visuais únicas, carregadas de emoções e interpretações pessoais. A participação ativa na produção de imagens desenvolve habilidades críticas e reflexivas, empoderando os sujeitos para uma interação mais consciente e

significativa com o mundo ao seu redor, contribuindo para a construção de identidade e a apropriação de suas vidas.

Portanto, esta etapa requer uma consideração cuidadosa da escolha de imagens que capturam a evolução do lugar ao longo do tempo. As fotografias são então entrelaçadas com análises reflexivas profundas, explorando as emoções inerentes a cada local escolhido. Isso convida os participantes a uma jornada de auto exploração emocional e espacial.

Após a preparação das fotobiografias, os participantes se envolvem na exploração e discussão das conexões emocionais que cada lugar retratado evoca. Nessa etapa é interessante a utilização do quadro branco ou tela para a apresentação dos elementos da proposta. A atividade consiste na partilha das fotobiografias e em diálogos que aprofundam a análise das emoções emergentes. Os participantes compartilham narrativas pessoais e reflexões sobre como as experiências emocionais individuais são mediadas por fatores culturais, sociais e pessoais.

Esta etapa promove a compreensão das nuances emocionais que permeiam os lugares e como essas nuances são moldadas por experiências pessoais e contextos mais amplos. Discussões exploratórias abordam questões como a universalidade versus singularidade das respostas emocionais aos lugares, bem como como a Geografia das Emoções contribui para a compreensão da diversidade emocional humana.

Em consonância com isso, a ideia de Lindón (2019, p. 34) é crucial. Para a autora

> As práticas do cotidiano, carregadas de significados e conexões imaginárias, desempenham um papel fundamental na compreensão de uma cidade enquanto um território vivenciado. No entanto, ao considerar a inclusão da afetividade que permeia essas práticas, adquire-se uma perspectiva mais profunda do fenômeno urbano. Aquilo que afeta é, primordialmente, algo que exerce influência sobre o próprio indivíduo, que se manifesta em seu corpo, mas também pode se estender para influenciar outras pessoas por meio de um grau de afeto presente em nossas experiências cotidianas (tradução nossa[20]).

[20]Original em Inglês: The practices of everyday life – with all the meanings that accompany them and the imaginaries into which they can be interwoven – are crucial to any understanding of the city as lived territory. However, consideration of the incorporated affectivity that accompanies practices opens up a better approximation of the urban phenomenon itself. Something that affects is therefore primarily something that influences the self and is materialized in the body, but it can also refer to something that exerts an influence on other people through a degree of affect present in our body.

A relação intrincada entre as práticas da vida cotidiana e a Geografia das Emoções é fundamental para a compreensão do espaço como um espaço vivido. Essas práticas diárias não apenas refletem as complexidades da vida em sociedade, mas também estão profundamente imbuídas de significados e emoções. Ao considerar a afetividade que permeia essas práticas, somos levados a uma apreciação mais profunda dos fenômenos geográficos.

A vida cotidiana nas cidades, por exemplo, é repleta de interações emocionais, desde a alegria de encontrar um velho amigo em um café até a frustração de lidar com o trânsito congestionado. Cada um desses momentos está ligado a um lugar específico e a uma série de emoções. Quando exploramos a Geografia das Emoções, podemos compreender como essas práticas cotidianas afetam nossa relação com o espaço urbano.

A quarta etapa deste estudo emprega instrumentos cartográficos e recursos digitais para mapear as emoções. Para isso, serão fornecidos mapas em branco, que podem ser tanto impressos como disponibilizados em formato digital, dependendo dos recursos disponíveis. A ideia central é que cada participante escolha um local específico que tenha sido previamente identificado e fotografado nas etapas iniciais da atividade.

A tarefa consiste em associar cores e símbolos às emoções que foram experimentadas ao visitar o local selecionado. Por exemplo, poderão escolher a cor azul para representar sentimentos de tranquilidade, o vermelho para emoções mais intensas, ou o verde para sensações de calma. Paralelamente, eles atribuirão símbolos, como corações, estrelas ou lágrimas, às emoções correspondentes.

Com esses elementos em mãos, os alunos preencherão o mapa com as cores e símbolos escolhidos, destacando as áreas onde cada emoção foi mais intensamente vivenciada. Também poderão acrescentar anotações ou legendas para elucidar suas escolhas emocionais no contexto do local.

Após a conclusão dos mapas emocionais, haverá um momento de discussão e compartilhamento. Os participantes se reunirão em grupos ou em uma discussão em sala de aula, tendo a oportunidade de apresentar seus mapas e explicar suas escolhas de cores e símbolos. Esta etapa visa à exploração conjunta de como as emoções desempenham um papel significativo na percepção individual dos lugares.

Durante a discussão, será possível comparar os diferentes mapas produzidos pelos participantes, buscando identificar padrões interessantes ou semelhanças nas respostas emocionais relacionadas aos lugares. Esta análise conjunta contribuirá para uma compreensão mais profunda de como as emoções estão intrinsecamente ligadas à geografia dos lugares e como essa relação pode variar entre os indivíduos.

O uso de mapas e símbolos nesse processo adiciona uma dimensão visual e tangível à exploração das emoções em relação à geografia, tornando a experiência mais envolvente e acessível a todos, independentemente do acesso a dispositivos eletrônicos.

Na conclusão da atividade, os participantes se envolvem em discussões coletivas, refletindo sobre o processo e suas implicações. A atividade se estabelece como um catalisador para uma compreensão mais profunda de como as emoções influenciam nossa relação com o espaço. Adicionalmente, examinamos as implicações mais amplas da Geografia das Emoções, explorando como essa compreensão pode enriquecer nossa apreensão do ambiente e promover uma consciência emocional mais perspicaz. Este segmento permite que os participantes considerem como essa exploração pode ser aplicada em suas próprias vidas e em estudos posteriores, contribuindo assim para a construção de um corpo de conhecimento mais robusto na área da Geografia das Emoções.

A atividade de criação de fotobiografias e exploração da Geografia das Emoções representa uma experiência intelectualmente enriquecedora e profundamente introspectiva. Ela transcende o simples registro visual, transformando-se em uma imersão sensorial e emocional profunda que nos convida a explorar as intrincadas conexões entre nossos sentimentos e os lugares que habitamos. Nessa jornada de autodescobrimento, a atividade se destaca como uma abordagem verdadeiramente inovadora no contexto da pesquisa geográfica e das ciências emocionais.

Ao adentrarmos o âmago de nossas experiências emocionais, somos conduzidos a uma compreensão mais profunda de como o espaço não apenas exerce influência sobre nós, mas também é profundamente moldado por nossas vidas. Através das fotobiografias, desvelamos as histórias visuais de nossa jornada emocional pelos lugares que habitamos. Essa exploração nos proporciona uma oportunidade ímpar de compreender como as emoções entrelaçam-se com nossas percepções e representações do ambiente.

Essa experiência nos convida a contemplar a singular capacidade dos lugares de tocar nossas emoções de maneira única, e, assim, contribuir para uma abordagem mais holística e enriquecedora de como percebemos e interagimos com o mundo ao nosso redor. Por meio das fotobiografias, os lugares assumem uma nova dimensão, transformando-se em repositórios emocionais que espelham nossas vivências mais profundas. Essa atividade oferece uma lente pela qual podemos apreciar a complexidade de nossa relação com o ambiente, reconhecendo que somos, ao mesmo tempo, moldadores e moldados por ele.

Nesse processo de exploração, a atividade não apenas lança luz sobre as complexas interações entre emoções e geografia, mas também oferece uma oportunidade única para a autorreflexão. Ao contemplarmos nossas próprias experiências emocionais em relação aos lugares, somos incentivados a investigar nossas próprias narrativas emocionais e a compreender como elas influenciam nossa visão de mundo. Assim, além de contribuir para a pesquisa acadêmica, essa atividade é também um instrumento poderoso para o autodescobrimento e o enriquecimento pessoal. Ela nos leva a explorar as profundezas de nossas emoções e a reconhecer a capacidade transformadora dos lugares em nossas vidas.

Para além da proposta demonstrada acima, a abordagem da Geografia das Emoções pode ser amplamente aplicada a várias temáticas no ensino de geografia, oferecendo uma perspectiva rica e aprofundada sobre como as emoções estão intrinsecamente ligadas ao espaço e ao nosso relacionamento com ele. Essa perspectiva tem o potencial de enriquecer significativamente a compreensão dos alunos sobre questões geográficas.

Em primeiro lugar, a percepção do espaço desempenha um papel fundamental na Geografia das Emoções. Ela ajuda os alunos a entender como suas emoções influenciam diretamente a maneira como percebem e se relacionam com os lugares ao seu redor. Isso pode incluir discussões sobre como diferentes emoções podem moldar a percepção de espaços urbanos, rurais, naturais, entre outros.

No contexto urbano, por exemplo, os alunos podem explorar como as emoções estão intrinsecamente ligadas à experiência de espaços públicos, como parques, praças, avenidas movimentadas ou bairros. Eles podem investigar como o design urbano e a acessibilidade a esses espaços afetam as emoções das pessoas que os frequentam.

Além disso, a Geografia das Emoções pode ser aplicada ao estudo da geografia cultural. Isso permite que os alunos analisem como as emoções estão ligadas às práticas culturais, incluindo tradições, rituais e festivais. Essa abordagem ajuda a compreender como diferentes culturas expressam e vivenciam emoções em contextos geográficos variados.

Outro aspecto importante é a relação entre emoções e fatores socioeconômicos, como renda, raça e gênero. Os alunos podem investigar como esses fatores influenciam as experiências emocionais das pessoas em diferentes lugares, o que pode levar a discussões sobre desigualdades geográficas de emoções.

Além disso, a Geografia das Emoções pode ser aplicada ao estudo do turismo, permitindo que os alunos explorem como as emoções desempenham um papel vital na escolha de destinos turísticos e na experiência de viajar. Eles podem investigar como as expectativas, a excitação e outros sentimentos influenciam as decisões de viagem e a satisfação geral dos turistas.

No campo da geografia ambiental, essa abordagem ajuda os alunos a compreender a relação das pessoas com o meio ambiente, explorando como emoções como amor, medo ou preocupação com o ambiente afetam atitudes e comportamentos em relação à conservação e à degradação ambiental.

Na geografia política, a Geografia das Emoções pode ser aplicada para entender como as emoções desempenham um papel significativo nas decisões políticas, na mobilização social e na resposta a eventos políticos em diferentes regiões.

Por fim, no campo da geografia da saúde, os alunos podem explorar como as emoções afetam a percepção do bem-estar e da saúde em diferentes ambientes geográficos, incluindo o estudo das disparidades de saúde relacionadas às emoções em diversas comunidades.

Esses exemplos destacam como a Geografia das Emoções oferece uma perspectiva valiosa que permite aos alunos conectar suas próprias experiências emocionais com o ambiente geográfico em que vivem. Ela também explora as complexas interações entre espaço, lugar e emoção, enriquecendo assim a compreensão das questões geográficas e culturais em seu contexto mais amplo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, mergulhamos nas profundezas de uma disciplina ainda pouco explorada e emergente: a Geografia das Emoções. Desde seu surgimento nas discussões acadêmicas até a sua integração no campo do ensino de geografia, nosso trabalho destaca-se como uma tentativa ousada de cruzar fronteiras disciplinares e transformar a maneira como entendemos o espaço e o lugar.

No primeiro capítulo, traçamos uma linha do tempo que nos levou das raízes históricas da Geografia das Emoções até as discussões mais recentes, revelando como as emoções sempre estiveram intrinsecamente ligadas à nossa percepção do mundo. Ao fazer isso, lançamos luz sobre uma rica tapeçaria de conexões emocionais que moldam nossa relação com o ambiente ao nosso redor.

No segundo capítulo, destacamos a urgência de integrar a Geografia das Emoções no ensino de Geografia. Ao desenvolver uma oficina concebida para envolver os alunos nesse diálogo emocional com o espaço, tínhamos a ambição de desbloquear portais de compreensão profunda e visceral. Infelizmente, as restrições de tempo e a dessincronização com os calendários escolares nos impediram de realizar a atividade proposta. No entanto, a semente foi plantada, e a visão de um ensino de geografia enriquecido por emoções continua a pulsar em nosso trabalho.

Esta pesquisa é, sem dúvida, inovadora. A bibliografia sobre Geografia das Emoções é uma floresta pouco explorada, e nossa jornada busca desbravar territórios desconhecidos. Com essa exploração, chamamos a atenção para a necessidade de investir em pesquisas que desvendem ainda mais a complexa interconexão entre emoções e geografia. Encaramos os desafios com determinação e otimismo, cientes de que a falta de recursos disponíveis hoje é a promessa de novos horizontes a serem explorados amanhã.

Ao refletir sobre a importância de nossa pesquisa, é essencial reconhecer o poder das emoções em nossa percepção do mundo. Nossos sentimentos influenciam como nos conectamos com o espaço e o lugar, moldando nossa identidade e nossa relação com a comunidade global. Portanto, a relevância da geografia das emoções transcende as paredes da academia; ela se estende ao coração do entendimento humano do mundo.

A conclusão desta pesquisa não marca o fim, mas sim o começo de uma jornada contínua. Instamos a comunidade acadêmica a abraçar essa visão e a continuar aprofundando as discussões, expandindo as pesquisas e desenvolvendo novas abordagens pedagógicas que permitam a incorporação efetiva da Geografia das Emoções nas salas de aula. Somente ao fazê-lo poderemos preparar nossos alunos para uma compreensão mais rica, envolvente e emocional do planeta que compartilhamos.

Em última análise, a Geografia das Emoções nos convida a sentir o espaço e viver o lugar de maneira mais profunda e significativa. À medida que exploramos essa terra emocional desconhecida, estamos moldando o futuro do ensino de Geografia, capacitando os estudantes a se tornarem cidadãos mais compassivos e conectados com o mundo que habitam. Essa é a promessa que nossa pesquisa traz consigo, uma promessa de uma educação geográfica que ressoa não apenas na mente, mas também no coração de cada aluno.

REFERÊNCIAS

ANDREOTTI, G. (2013) **Geografia emocional e cultural em comparação com a racionalista.** In: HEIDRICH, Álvaro Luiz; COSTA, Benhur Pinós da; PIRES, Cláudia Luisa Zeferino (Orgs.). Maneiras de ler geografia e cultura. Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar Cultura, p. 98-105. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/214/o/MANEIRAS_DE_LER_GEOGRAFIA_E_CULTURAL.pdf

ANDERSON, K.; SMITH, S. (2001) **Editorial: Emotional Geographies.** Transactions of the Institute of British Geographers, Reino Unido, vol. 26, n. 1, p. 7-10. Disponível em: https://www.westernsydney.edu.au/__data/assets/pdf_file/0008/150947/Anderson_and_Smith_EmotionalGeographies_ICS_Pre-Print_Final.pdf

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf

BRUNO, F. **Fotobiografia: por uma metodologia da estética em antropologia**. Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura, Campinas, SP, v. 18, n. 1, p. 27–45, 2010. DOI: 10.20396/resgate.v18i19.8645677. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8645677.

BONDI, L; DAVIDSON, J; SMITH, M. (2007) **Introduction: Geography's Emotional Turn.** In: DAVIDSON, J.; BONDI, L.; SMITH, S. (Orgs.). Emotional Geographies. Farnham: Ashgate, p. 1-16. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/242619285_Introduction_Geography%27s_%27Emotional_Turn.

DA LUZ JUNIOR, V. DE J. F.; DA FROTA, A. F. M. **GEOGRAFIA DAS EMOÇÕES: A METAMORFOSE DA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA NO ENSINO MÉDIO.** Caderno Intersaberes, v. 10, n. 26, p. 96–111, 2021. Disponível em: https://www.cadernosuninter.com/index.php/intersaberes/article/view/1848.

HARGREAVES, A. **Emotional Geographies of Teaching.** Teachers College Record, v. 103, n. 6, p. 1056–1080, 2001. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/249400325_Emotional_Geographies_of_Teaching.

HOLZER, W. **Geografia Humanista - Trajetória 1950-1990.** Londrina: EdUEL, 2016.

LEÃO, E. C. **A FENOMENOLOGIA DE EDMUND HUSSERL E A FENOMENOLOGIA DE MARTIN HEIDEGGER.** Revista da Abordagem Gestáltica: Estudos Fenomenológicos [online]. 2006, XII(1), p. 11-22 ISSN: 1809-6867. Disponível em: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=357735503002

LIMA, I. **As competências socioemocionais e o ensino de geografia.** XV EGAL

Encuentro de Geógrafos de América Latina. 2015. Disponível em: http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal15/Ensenanzadelageografia/Investigacionydesarrolloeducativo/08.pdf.

LINDÓN, A. The lived city: everyday experiences, urban scenarios, and topological networks. **Geographica Helvetica**, p. 31–39, 2019. Disponível em: https://gh.copernicus.org/articles/74/31/2019/gh-74-31-2019.pdf.

FRANÇA, D. M. C; FRANZOI, N. L. (2018). **Autofotografia como possibilidade metodológica em pesquisa: o método autofotográfico e as produções de trabalhadoras/es estudantes de duas regiões brasileiras**. *Imagens Da Educação* , *8*(1), e39215. https://doi.org/10.4025/imagenseduc.v8i1.39215. Disponível: https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ImagensEduc/article/view/39215/pdf.

MELLO, L. **O uso de diferentes linguagens na leitura geográfica.** Curitiba: Intersaberes, 2016.

MOREIRA, E. V; HESPANHOL, R. A. M. **O LUGAR COMO UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL**. 14. ed. Presidente Prudente, SP.: Revista Formação, 2007. 48-60 p. v. 2. ISSN 2178-7298. Disponível em: https://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/645/659.

NOGUÉ, J. Emoción, lugar y paisaje. IN: LUNA, T; VALVERDE, I. **Teoría y paisaje II: paisaje y emoción. El resurgir de las geografías emocionales.** Observatorio del Paisaje de Cataluña. Barcelona: Universidad Pompeu Fabra, p. 137-148, 2015. Disponível em: http://www.catpaisatge.net/fitxers/publicacions/teoria_paisaje2/Teoria_y_paisaje2.pdf.

PILE, S. **Emotions and affect in recent human geography.** Transactions of the Institute of British Geographers, v. 35, n. 1, p. 5-20, 2010. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/42800432_Emotions_and_Affect_in_Recent_Human_Geography.

SILVA, M. A. S. (2017). **POR UMA GEOGRAFIA DAS EMOÇÕES.** *GEOgraphia*, *18*(38), 99-119. https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2016.v18i38.a13775
SILVA. Marcia Alves Soares da. **Sobre emoções e lugares: contribuições da Geografia das Emoções para um debate interdisciplinar.** RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 17, n. 50, p. 69-84, agosto de 2018, ISSN 1676 8965. Disponível em: https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13775/8975.

SILVA, M. A. S. **PENSAR E SENTIR PARA (RE)EXISTIR: Geografias emocionais e fotobiografias de estudantes de Geografia.** Revista Brasileira de Educação em Geografia, v. 10, n. 20, p. 258–283, 2020. Disponível: https://revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/775/461.

WATKINS, M. **Teachers' tears and the affective geography of the classroom.** Emotion, Space and Society, n. 2011, p. 137–143, 2010. Disponível: https://www.researchgate.net/publication/240447134_Teachers%27_tears_and_the_affective_geography_of_the_classroom.

APÊNDICE - Proposta de Oficina explorando a Geografia das Emoções

Tema: Explorando a Conexão entre Emoções, Lugares e Fotobiografias: Uma Jornada de Autoreflexão

Apresentação

Nesta atividade, os alunos terão a oportunidade de mergulhar em suas próprias histórias emocionais, usando fotobiografias e mapas de emoções para compreender como os lugares afetam suas experiências. Ao combinar fotografia e narrativa, os alunos explorarão como momentos da vida são entrelaçados com sentimentos específicos, proporcionando uma perspectiva única sobre a interação entre emoções e ambiente.

Objetivos

(EM13CHS205) Analisar a produção de diferentes territorialidades em suas dimensões culturais, econômicas, ambientais, políticas e sociais, no Brasil e no mundo contemporâneo, com destaque para as culturas juvenis.

(EM13CHS106) Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica e de diferentes gêneros textuais e as tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

Introdução/Justificativa

A adolescência é um período de descobertas, crescimento e intensas emoções. Nesse estágio crucial da vida, os jovens estão constantemente explorando o mundo à sua volta, enquanto também enfrentam desafios emocionais e transições significativas. É nesse contexto que a atividade proposta ganha relevância, pois busca mergulhar fundo na conexão íntima entre emoções e lugares, oferecendo aos alunos uma oportunidade única de autodescoberta e expressão criativa.

O "lugar" vai além de meras coordenadas geográficas. Ele é carregado de significados subjetivos e emocionais que moldam nossas experiências e memórias. Cada local, seja ele uma rua movimentada, um parque tranquilo ou até mesmo o quarto onde dormimos, é um palco onde vivemos momentos que nos marcaram profundamente. Esses lugares não são apenas cenários físicos, mas também âncoras para as nossas emoções, lembranças e sensações.

Ao combinarmos o conceito geográfico de lugar com as fotobiografias, que unem a narrativa textual com a visual, estamos abrindo as portas para uma exploração profunda e rica da jornada emocional de cada aluno. As fotografias capturam instantes, mas também guardam as emoções que envolviam aquele exato momento. As palavras escritas adicionam camadas de contexto e significado, permitindo que os alunos expressem de maneira eloquente as complexidades de suas experiências emocionais.

Nesta atividade, os alunos serão convidados a transcender as fronteiras do simples registro de eventos. Eles irão mapear a relação entre suas emoções e os lugares que os impactaram, criando uma espécie de atlas emocional único para cada um. Ao analisar suas próprias fotobiografias e mapas de emoções, os alunos terão a oportunidade de examinar como as experiências que vivenciaram em determinados lugares moldaram suas respostas emocionais.

Compreender essa conexão profunda entre emoções e lugares não apenas oferece clareza sobre nós mesmos, mas também nos torna mais empáticos e conscientes do mundo ao nosso redor. Os lugares que visitamos, habitamos ou até mesmo imaginamos podem ser catalisadores de alegria, nostalgia, tristeza ou esperança. Ao explorarmos essa relação, ampliamos nossas percepções sobre as maneiras pelas quais nossas emoções são moldadas e enriquecidas pelos ambientes que nos cercam.

Nossa jornada nesta atividade busca, portanto, unir os conceitos de lugar, emoção e autoreflexão por meio da linguagem visual das fotografias e da linguagem escrita das narrativas. Ao expressarem suas experiências emocionais através dessas formas de expressão, os alunos não apenas irão compartilhar suas histórias pessoais, mas também construir uma compreensão mais profunda do complexo mosaico emocional que é a sua própria vida.

Público Alvo

Alunos do ensino médio (ano e turma a ser definidos).

Número de Aulas

2 aulas.

Descrição do Conteúdo

Nossa jornada nesta atividade é uma exploração interdisciplinar que mergulha nas profundezas das emoções humanas e da geografia dos lugares. Combinando a narrativa pessoal com a visualização de espaços físicos, os alunos embarcarão em

uma experiência enriquecedora de autoreflexão e expressão criativa. A atividade é estruturada em torno de três pilares fundamentais:

1. Fotobiografias: Unindo Palavras e Imagens (Aula 1)

- Compreensão da fotobiografia como uma narrativa que mescla fotografias e texto para contar histórias pessoais e emocionais.
- Exploração de exemplos de fotobiografias para entender como as imagens podem desempenhar um papel vital na comunicação emocional.
- Seleção de um evento ou período emocionalmente significativo da vida de cada aluno, que será o ponto focal da fotobiografia.

2. Geografia das Emoções: Mapeando os Sentimentos (Aula 2)

- Introdução ao conceito de "geografia das emoções" e sua ligação com o impacto emocional dos lugares.
- Discussão sobre como diferentes locais podem evocar sentimentos variados, desde a alegria até a nostalgia e a melancolia.
- Criação de um mapa de emoções, no qual os alunos marcarão os lugares relevantes em sua fotobiografia e descreverão as emoções associadas a cada local.

3. Autoreflexão e Compreensão Emocional: Aprendizados Pessoais (Ambas as Aulas)

- Estimulação da habilidade de olhar para dentro e identificar as nuances das próprias emoções e experiências.
- Promoção da capacidade de expressar emoções complexas através de palavras e imagens, fortalecendo a inteligência emocional.
- Desenvolvimento da capacidade de analisar e refletir sobre as conexões entre eventos, emoções e lugares, fomentando um entendimento mais profundo de si mesmo.

Através desses três pilares, os alunos serão desafiados a explorar sua própria narrativa emocional, considerar o papel dos lugares em suas memórias e experimentar a poderosa interseção entre emoções e ambientes. Além disso, a atividade estimulará uma visão mais holística e sensível da jornada emocional de seus colegas, criando um ambiente de respeito e empatia.

Ao final das duas aulas, os alunos terão criado um projeto de fotobiografia enriquecido com a geografia das emoções. Esse projeto não apenas os ajudará a compreender melhor a interação entre suas emoções e o ambiente, mas também promoverá uma apreciação mais profunda das histórias individuais que contribuem para a tapeçaria única da turma.

Recursos

- Projetor ou quadro branco (para apresentações visuais).
- Papel, canetas coloridas e mapas impressos (ou software para mapas digitais).
- Câmeras ou smartphones para fotografias (se disponíveis).

Descrição Sequencial de Cada Passo em Cada Aula

Aula 1

Passo 1: Apresentação e Introdução (10 minutos)
- Apresente o tema da atividade e sua relevância.
- Explique como as fotobiografias e a geografia das emoções serão exploradas.

Passo 2: Discussão sobre Fotobiografias (20 minutos)
- Discuta exemplos de fotobiografias e como as imagens podem contar histórias.
- Incentive os alunos a compartilhar suas percepções sobre o impacto das imagens nas narrativas.

Passo 3: Seleção de Evento Significativo (15 minutos)
- Peça aos alunos para escolherem um evento ou período emocionalmente significativo em suas vidas.

Passo 4: Exploração Fotográfica (15 minutos)
- Explique como tirar fotos pode ajudar a capturar momentos emocionais.
- Incentive os alunos a tirarem fotos relacionadas ao evento escolhido.

Aula 2

Passo 5: Criação da Fotobiografia (30 minutos)
- Forneça papel e canetas coloridas.
- Peça aos alunos para escreverem uma narrativa curta sobre o evento, relacionando-o às fotos tiradas.

Passo 6: Introdução à Geografia das Emoções (15 minutos)
- Explique o conceito de geografia das emoções e como os lugares podem evocar sentimentos diferentes.

Passo 7: Mapeamento Emocional (25 minutos)
- Distribua mapas impressos ou use softwares para mapas digitais.
- Peça aos alunos para marcarem os lugares relevantes em seus mapas e descreverem as emoções associadas.

Passo 8: Compartilhamento e Reflexão (15 minutos)
- Peça a cada aluno para compartilhar suas fotobiografias e mapas com a turma.
- Incentive discussões sobre as conexões emocionais e as diferentes interpretações.

Passo 9: Encerramento (10 minutos)
- Faça uma breve recapitulação da atividade e das principais aprendizagens.
- Incentive os alunos a refletirem sobre como a atividade impactou sua compreensão das emoções e dos lugares.